Querida Dolly: Socorro! Os homens ficam intimidados com a minha altura

Estou sempre a ser rejeitada por homens que, poucos meses depois, começam a sair com alguém que é petite. *Não posso evitar pensar que a minha altura (1,80 metros) é o que intimida estes homens.*
No passado, disseram-me que sou demasiado alta para ser considerada sexy, *e isto ficou comigo ao ponto de não me sentir confortável para combinar encontros, em especial com pessoas com quem conversei* online. *Socorro!*

Uma das coisas mais estranhas acerca de ser uma mulher muito alta é o desconforto que regra geral enfrenta, em oposição à frequência com que as mulheres lhe dizem que têm inveja dela por causa da altura.

«Já viu a sorte que tem?», perguntam os foguetes *petite* pelo mundo inteiro. Senhoras de encantadores rostinhos de princesa Disney, bem proporcionadas, de tamanho médio, que nunca tiveram de fazer compras na Long Tall Sally ou experimentaram o descair do elástico na cintura de *collants* demasiado curtos, vão dizer-lhe que davam tudo para serem da sua altura.

A mitologia acerca de ser uma mulher alta deixou-me maluca no passado. Se toda a gente quer ter esta altura, porque é que eu não gosto? Se é tão invejado, porque ando envergonhada com isso o tempo todo? Porque me sinto como um cepo, deselegante, pouco feminina e constrangida? Porque continuo a ouvir que os homens adoram mulheres altas, e, no entanto, disseram-me, várias vezes, que alguém não ia sair comigo porque sou mais alta do que ele?

Tem havido momentos de verdade — noites com amigos em que uso saltos altos e eles testemunham os comentários incansáveis de estranhos. As ocasionais mensagens «lol, desculpa, alta demais, bj» nas aplicações

de encontros. Vou lembrar-me sempre de ver um episódio de *First Dates* com um homem que dizia no seu vídeo de apresentação: «Eu. Detesto. Raparigas. Altas», para ver uma rapariga da minha altura juntar-se a ele à mesa, com um grande sorriso esperançoso no rosto.

«Quando entraste e vi que eras mais alta do que eu», explicou ele num lancinante depoimento após o encontro, «perdi logo o interesse. Não é nada pessoal, mais valia seres uma formiga. Tipo, uma formiga gigante.»

Por esse motivo, não vou mentir-lhe, dizendo-lhe que é invenção sua. Tem razão. Há homens que não se interessarão por si devido à altura. E é uma treta.

NO ENTANTO. Ao longo dos anos, encontrei serenidade ao aceitar este facto. Porque se isso é *mesmo* uma treta para alguém — não o é para nós, as lendas de pernas longas que conseguem ver sempre tudo num concerto. É uma treta para eles. Porque se um homem tem problemas em estar com uma mulher mais alta do que ele, não é por achar que ela é demasiado grande, é por se considerar demasiado pequeno. Fizeram-no sentir que não pode ser um homem a sério, um bom amante ou um protetor benevolente de uma mulher se não tiver uma altura substancialmente superior à dela. E isso causa-lhes uma enorme vergonha. Esses indivíduos não deviam intimidar-nos ou fazer-nos sentir rejeitadas, devíamos procurar bem fundo para encontrar a nossa compaixão por eles.

Encaixei tudo isto quando, aos vinte e três anos, estava deitada sobre o peito do rapaz com quem saía, as minhas pernas iam quilómetros para lá do ponto onde as dele terminavam, e, num sussurro bêbedo, ele disse: «Desculpa não ser mais alto.»

As bocas desagradáveis sobre a minha altura e a insistência para que usasse sapatos rasos ao pé dele de repente fizeram todo o sentido.

Aqui está outra verdade absoluta, o meu juramento solene para si: tal como há homens que não considerariam um encontro consigo por causa da altura, há alguns que vão achá-la um dos seus aspetos mais *sexy*. Muitos. Vão deleitar-se com caminhar ao seu lado, tendo o braço em redor dos seus ombros, ou cintura, ou rabo, ou onde conseguirem chegar. Vão querer que use saltos o tempo todo *(o tempo todo)*. Vão

achar que é a Supermulher (outra rapariga de 1,80 metros, já agora). Vai parecer certo e perceber que não devia ter sentido nada, exceto orgulho. Um *ex*, meses depois de começarmos a sair, mostrou-me uma mensagem que enviou ao melhor amigo, da casa de banho, no nosso primeiro encontro:

«Estou apaixonado, ela é ENORME.» Fiquei tão feliz pelo meu eu mais jovem. Quem dera poder enviar aquela mensagem para trás no tempo, para a rapariga que se detestava, que genuinamente procurou no Google «cirurgia de encurtamento.»

Uma verdade final de quem passou por isso: nada pode fazer para mudar esta coisa notável, pouco habitual, linda no seu corpo. Este é o único veículo que tem para a conduzir até ao fim da vida. Por favor, por favor, não interiorize os comentários e não os transforme em factos — não são. Vai encontrar alguém que não se intimida com a sua altura, que se excita com estatura e poder, um homem que é quase impossível emascular. E prometo que, de qualquer maneira, esses são sempre os mais divertidos.

Querida Dolly: Saí num encontro a quatro com a minha companheira de casa. Nem tive hipótese!

Acabei de vir de um encontro a quatro com a minha companheira de casa, o que foi divertido, mas tive a impressão de que ela se colocou automaticamente na posição de ficar com o rapaz jeitoso ao qual achamos graça as duas. Dominou a cena (ambos os rapazes fizeram match *com ela* online*) e eu nem tive hipótese de sequer considerar qual dos dois queria, ou com qual tinha melhores vibrações. Como dizer «não gosto da maneira como me trataste» sem parecer choramingas? A minha amiga é muito dominadora e não aceita bem que alguém discorde dela.*

OK, existem aqui muitos ingredientes para gerar uma confusão do diabo, e não quero culpar a vítima no encontro a quatro, mas seria útil se déssemos as mãos e, juntas, analisássemos o que correu mal. Identifiquei três áreas-chave de perigo.

1. Saídas a quatro como conceito

Deixe-me contar-lhe o pior encontro da minha vida. O ano é 2013. Um amigo sugere irmos jantar, e que eu leve uma rapariga para ele, e ele leve um rapaz para mim. Convido a minha companheira de casa — uma rapariga engraçada, bonita e gentil —, sabendo que vão dar-se maravilhosamente. E dão, logo no momento em que chegamos para as bebidas. Fico pendurada uma hora, até que um homem de fato de treino e gorro, tão enterrado na cabeça que está quase nos olhos, entra pesadamente, bêbedo de uísque porque «hoje o Liverpool perdeu». Recusa-se a olhar-me nos olhos, quanto mais conversar. Vamos para

o restaurante, onde os meus dois amigos continuam a ter um encontro fantástico. O meu tipo volta a cadeira de costas para a mesa e passa a refeição a mandar mensagens. Sai antes de a conta estar paga. A noite acaba em minha casa — com a minha colega e o meu amigo a rir e a conversar. Ela tira a guitarra, ele canta «Wicked Game», de Chris Isaak, ela entra nas harmonias. Fico a olhar, amuada, e vou deitar-me sozinha.

Já é difícil o suficiente para duas pessoas terem um encontro bem-sucedido. É ainda mais complicado para dois casais terem ambos encontros maravilhosos simultaneamente. Uma pessoa (no mínimo) enfrentará uma noite dececionante. E sim, em princípio, se o encontro for mau, é contar com um amigo para o apoio moral. Mas não o fará se estiver num encontro mesmo bom. Não estará interessado em si.

2. Sair com alguém que um dia achou graça/ /ainda acha graça à sua amiga

Uma ideia terrível. Para um encontro francamente bom, só precisa de meia dúzia de coisas: riso, sedução, curiosidade mútua e deixar o outro perceber como encaixam. Isto não acontece se a razão pela qual aqueles homens ali estão se deve a que ambos fizeram *match* com a sua amiga numa aplicação de encontros. Claro que isso vai ficar suspenso, quer seja ou não dito, sobre a noite. Nunca teve hipótese, companheira! Não há nada de errado consigo — não é que todos gostem da sua amiga e ninguém de si. Estava condenado à partida.

E, sim, era teoricamente generoso da parte dela passar-lhe esse homem como um vestido que não quer usar. De certeza que há pessoas que fazem isto com boas intenções. Mas parece-me que ela aprecia uma situação em que dois homens lutam pelo seu afeto. Se uma mulher alguma vez lhe oferece magnanimamente um *ex* ou um homem que rejeitou como interesse romântico, pense muito bem.

3. Sair a quatro com uma amiga que se define por ser apreciada

Todos conhecemos uma mulher dessas. E, de certa forma, não é culpa dela. Não surpreende que, culturalmente condicionadas para obter a

aprovação masculina, algumas raparigas a procurem em todas as circunstâncias. Compreendemos tratar-se mais de um sintoma de insegurança do que de arrogância; oferecemos-lhe compaixão. Mas também não nos colocamos em situações com ela em que nos pareça que podemos ser forçadas a competir pela atenção masculina (sombrio).

Se isto for parte de um problema mais vasto, em que sente que ela a rebaixa, então vale a pena dizer alguma coisa. Se é uma pessoa defensiva, não a acuse (tu fazes isto, tu és aquilo), comece com uma autorreflexão vulnerável, que convide à conversa (por vezes, quando estou contigo, sinto x-y-z e gostava de falar sobre isso porque de certeza não quererias que me sentisse assim).

Mas caso se trate apenas de algo que aconteceu numa saída a quatro, o meu conselho é que não o repita. Tem amigos diferentes para coisas diferentes — talvez, pelas suas próprias razões complicadas, que não são da sua responsabilidade, ela não seja uma boa aliada como rapariga solteira. Encontre outra compincha.

Em resumo: as saídas a quatro são como uma semana em discotecas em Ibiza, ou preparar *fondue* em casa. Faz-se uma vez para se dizer que se fez. Parabéns! Agora nunca mais tem de o repetir.

Querida Dolly: Sou viciada em amor não correspondido, o que me distrai de verdadeiros encontros. Alguma vez terei uma relação saudável?

Creio que sou viciada no amor. Desde os onze (sou agora uma jovem de dezanove anos), tenho-me, contínua e sucessivamente, apaixonado por mulheres mais velhas, que nunca poderão e nunca estarão comigo, predominantemente as minhas professoras e leitoras. Estas paixonetas são incrivelmente obsessivas, sem chegar bem ao território da perseguição, mas não ficam longe disso. Sinto-me doida, a perseguir de forma obsessiva o êxtase do amor não correspondido com mulheres inalcansáveis, com as fantasias a distrair-me de verdadeiros encontros. Temo não ser capaz de ter uma relação saudável, estável, e permanecer para sempre uma louca.

Quero anteceder este conselho com um facto óbvio: algumas das relações mais importantes da sua adolescência vão acontecer na cabeça. Os estranhos no autocarro com quem é casada até eles saírem nas respetivas paragens, os leitores protagonistas de todas as fantasias durante a masturbação, a pessoa aleatória da família que vê uma vez de muitos em muitos anos, num aniversário de um avô ou avó, e depois procura furiosamente no Google «sair com um primo-tio ou prima-tia em terceiro grau é legal no UK?» — estes são os protagonistas românticos da sua adolescência. E quando, ao longo dos anos, olha para trás, para essas fantasias, elas vão ter quase o mesmo peso na memória do que se tivessem ocorrido na vida real. A obsessão e a imaginação, vertidas sobre a rocha de uma sexualidade nascente, são um *cocktail* poderoso. Não é louca. Surpreender-me-ia mais ouvir de uma mulher de dezanove anos que *não* suspeita ser viciada no amor.

Posto isto, o seu padrão de comportamento é interessante e merece uma análise. Ao escolher continuamente ficar obcecada por mulheres inalcansáveis, mantém-se num estado particular de solteira — em que potencialmente não pode gozar as liberdades de ser jovem e descomprometida, porque está ocupada com a tortura do amor não correspondido.

Há várias explicações simples. Pode ser avessa ao compromisso, compreensível aos dezanove anos. Pode estar aborrecida com a vida quotidiana, criando paisagens fantásticas vívidas. Talvez tenha expetativas incrivelmente altas para as relações, por isso gosta de manter as coisas ficcionais, com alguém inatingível, para que as suas necessidades possam ser satisfeitas de forma unilateral.

Analisando com mais profundidade, talvez sinta medo de uma ligação real e mútua com alguém porque teme a intimidade. O que significa isso de facto? Aqui estão algumas sessões caras de terapia, resumidas numa frase: intimidade significa ser vista e amada por tudo o que é, e ao mesmo tempo ver e amar alguém por tudo o que ele é. Se soa absoluto, é porque é. Tem de se conhecer antes de permitir que outra pessoa a conheça. Talvez ainda esteja a trabalhar nisso. Nesta fase, eu daria prioridade a isso.

Uma vez que essas fixações românticas podem monopolizar o seu tempo e a cabeça — o que não faz mal, se estiver bem com isso —, o que tem de vigiar é se começam a roubar algum do amor-próprio. Não precisa de ser um tipo específico de rapariga para ser amada: não lhe faltam as qualificações, não é mais adequada para amores não correspondidos. Entregue-se a estas fantasias, se a entusiasmam, mas tente mantê-las em perspetiva. Não deixe a insegurança e a exaustão tornarem-se o lugar-padrão onde vive.

Creio que a razão mais provável para criar fixações com essas mulheres inalcansáveis é que tenta evitar a realidade. E porque não havia de o fazer? Acabou de entrar na idade adulta e provavelmente apercebe-se de que a realidade é dececionante. Está certa! Enquanto tiver noção de que essas obsessões não são indicativas do que é uma relação afetuosa, respeitosa, sustentável, não vejo mal nas fantasias. (Mas não apareça à porta de ninguém. Encha os seus cadernos com pensamentos sobre ela,

encha a sua história na *web* com pesquisas pelo seu nome, mais «idade», mais «casada», «nua», «património». Mas essa é coisa sua.)

O facto de se preocupar com isto e pensar em como pode afetar a sua hipótese de um relacionamento sério demonstra que tem uma enorme consciência de si, o que falta a muitos de nós. É claro na sua carta que aceita a responsabilidade pelos seus atos e emoções, o que significa que já está a cuidar bem do seu futuro eu. Há sempre um intervalo entre reconhecer um mau hábito e mudá-lo. Portanto, por ora, exceda os limites nesse interregno, se lhe parecer divertido. Goze a intensidade, o drama e a loucura dessas obsessões enquanto tem energia para isso. Acredite, um dia vai aperceber-se de que se cansou.

Querida Dolly: Como deixar de ser uma namorada temporária?

Sou uma namorada temporária. A rapariga antes de o rapaz encontrar uma namorada séria e a sua casa permanente. Como deixar de ser a que está numa situação, mas não numa relação? Recentemente, o rapaz com quem andei nos últimos seis meses espetou-me com o «Não quero uma relação, mas adoro conversar contigo», mas é ele quem tem agido como namorado! Estou cansada de ser «aquela rapariga». De certeza que me faz parecer fixe e descontraída perante os amigos, mas é muito aborrecido, e sinto-me como se estivesse só à espera de que eles decidam, e depois decidem, e não sou eu.

Confusa em Clapham

(Por favor, mantenha-me anónima, porque sei que ele tem uma assinatura da Times*)*

Antes de mais, asseguro-lhe que é um padrão comum nos encontros para muitas mulheres que conheço entre os vinte e cinco e os trinta e cinco anos. Incubam um homem num estado de parceria evidente--mas-não-reconhecida, antes de lhes ser dito, depois de vários meses, que ele não está pronto para um compromisso. Um ano mais tarde, lá está a publicação no Instagram dele, numa praia no Dubai, com uma mulher ao lado, a exibir a mão para a câmara, com a legenda: «Casar com esta mulher vale mais do que um *diamante*!!!»

A minha teoria transversal sobre relacionamentos é que os homens anseiam por estar solteiros, mas são péssimos em ser solteiros. Sustento esta declaração arrebatadora com ideologia edipiana que o número de palavras desta coluna não permite, por isso, em resumo: muitos

homens julgam que estão solteiros, quando na verdade se limitam a saltar de uma minirrelação a fingir para outra. Como se fizessem um *parkour* emocional desenfreado, a confundir todos os lugares para aterrar, conforme prosseguem na sua patética aventurazinha. Depois, de repente, cansam-se e param no telhado onde estiverem. Este é o pior comportamento em relacionamentos. Os que namoram em série e que deixam claro que não vão oferecer mais do que uma mensagem por semana e uma possível estirpe do herpes são — na minha opinião — cavalheirescos à sua maneira.

Esta é a verdade irritante acerca do amor, que não é romântico, satisfatório ou justo, mas pode ajudá-la a racionalizar o motivo pelo qual isso continua a acontecer-lhe: a compatibilidade é apenas um pequeno fator para determinar se duas pessoas vão ter um relacionamento. É ridículo, eu sei. Devia ser tão simples como: estamos ambos disponíveis e gostamos um do outro, por isso vamos tentar. Mas não é. É mais complicado. Não só tem de conhecer alguém de quem goste e que goste realmente de si, como também devem ter chegado ambos a um momento específico de disponibilidade. Esta prontidão é determinada pela nossa cabeça, mas deixamo-nos acreditar que é ditada pelo passado e futuro, e pelas leis do *timing*.

Todos os dias, milhares de relações bem agradáveis não acontecem porque uma das partes decidiu que não é a altura certa. Quando o táxi de uma pessoa não está de serviço, não há absolutamente nada que possa fazer para a convencer. E nem devia — é humilhante para si e uma exigência injusta. Ninguém é obrigado a estar numa relação quando não quer.

Creio que está sempre a conhecer pessoas cujos táxis não estão de serviço, mas agem de uma forma que a faz acreditar que sim, porque querem uma viagem consigo. O que pode fazer é, bastante cedo, ser direta sobre estar à procura de uma relação. Não receie que seja demasiado para pôr sobre os ombros de alguém — não é. Demonstra uma atitude responsável. E esperamos que represente uma maneira de detetar quem não está disponível nas fases iniciais, para não desperdiçar tempo e um coração partido neles.

Existe outra explicação que pode querer explorar: encontra-se com homens que saíram há menos de dez meses de uma relação longa? Isso faz de si o alvo número um para ser uma namorada temporária. Se eu conhecesse alguém que passou recentemente por um rompimento, pensava com cuidado antes de investir nele uma quantidade substancial de tempo. É difícil, porque os indivíduos que acabaram de sair de relações são com frequência os mais irresistíveis, pois estão num momento divertido e sem preocupações: são os que, com maior probabilidade, vão pedir *shots* no primeiro encontro, ir a bares *pop-up* em parques de estacionamento, e saquear da Lovehoney todos os aparelhos a pilhas para duas pessoas. O que torna as coisas ainda mais difíceis é que eles muitas vezes parecem comprometer-se consigo, porque ainda não se habituaram a estar solteiros, por isso transportam a intimidade da parceira anterior.

Porém, a maior parte das pessoas encara o primeiro encontro, depois de um rompimento, como férias, em que podem ser uma pessoa «sim» sem responsabilidades. Não importa o quanto se dão bem, vão ver a relação consigo como uma experiência limitada. Você, lamento dizê-lo, será sempre Lanzarote para eles. Volte a analisar os últimos homens com quem saiu, e verifique se estavam solteiros há pouco tempo. Essa talvez seja a resposta — pode, sem intenção, ter sido a praia onde puderam deitar-se, entre o destino da última relação e o destino da futura.

Por último, considere útil saber que, em todos os meus anos de pesquisas, Clapham se mostrou consistentemente o lugar onde os piores homens em Londres se juntam. Talvez seja boa ideia mudar de casa. Ou, se gostar da comunidade e da alta concentração de Gail's Bakeries, então fique onde está, pelos espaços verdes e *pain aux raisins*, mas procure o amor noutro lado.

Querida Dolly: Apaixono-me por todos os homens que conheço. Como paro?

Apaixono-me por toda a gente. Se um colega de trabalho é simpático comigo, fico com o coração genuinamente partido quando ele tem um encontro. Vou a uma festa e considero a noite um falhanço se ninguém tentar engatar-me. Sirvo um cliente sedutor e não penso em mais nada, a não ser se ele pedir o meu número, e depois sinto uma dor no peito se não acontece. Imagino cenários com pessoas após uma simples conversa. Todos os filmes e canções me lembram um ex *ou alguém com quem tive um encontro. Como parar de sentir amor x 1000 por todos os homens?*

Quer primeiro as boas ou as más notícias? Eu também sou uma rapariga que vê o copo meio a transbordar, por isso escolho sempre as boas notícias. OK, vou dar-lhe as boas notícias.

Tem uma imaginação que lhe extravasa o cérebro, como uma dama de honor num vestido um tamanho abaixo. Que dom! Neste momento, os seus delírios obsessivo-compulsivos parecem embaraçosos, mas creio que desconhece o superpoder deles. Pode ficar fisicamente nesta dimensão, enquanto a mente viaja e vai para um lugar diferente. Pode estar nas Caraíbas, enquanto espera na fila dos correios. Pode estar apaixonada, enquanto as suas mãos roçam nas de um caixa particularmente atraente. Pode criar universos paralelos completos só com o poder da matéria cinzenta — escrever conversas e desenhar pormenores de personalidade e construir relacionamentos entre estranhos. É uma arquiteta de fantasia! É uma mestre de mundos imaginários!

O que fazer com todas essas histórias? Pode pintá-las ou representá-las. Anotá-las como uma coleção de pensamentos privados ou pô-las numa canção. Pode, literalmente, digitá-las num documento de Word ou

num Final Draft e reimaginar que todos os encontros da sua vida correram de forma diferente. Recomendo vivamente. Pode divertir-se muito.

E agora as más notícias. Por prazeirosas que sejam as fantasias — por essenciais que acredito possam ser para a sanidade de muitos —, nunca devem tornar-se mais importantes do que a realidade. As cenas na sua cabeça não devem ser mais significativas do que as da sua vida. Nunca deve pôr o amor-próprio e a felicidade nas mãos de alguém que mal conhece. O seu dia não deve ser excelente ou péssimo dependendo de se um estranho lhe dedica alguma atenção. Se acontece, então quer dizer que há um problema.

Pode estar apenas entediada. Talvez precise de se sacudir um pouco. Não tem de ser drástico, mas parece que pode precisar de encontrar outras formas de se estimular. Descobri que nada abrevia uma fantasia com Timothée Chalamet como um calendário lotado. Pode lançar-se num projeto criativo? Fazer um curso? Aprender uma aptidão nova? Juntar-se a uma aplicação de encontros? Tentar ativamente conhecer novas pessoas? Poupar e planear uma viagem?

E se não está entediada, talvez sofra de baixa autoestima. Se se apaixona artificialmente por numerosas pessoas todas as semanas, também se deixa vulnerável para um coração partido artificial. Utilizo a palavra artificial com cautela, porque o poder da sua mente significa que estas interações lhe parecem superintensas, e isso é real. Mas preocupa-me que esteja tão viciada na rejeição imaginada como no desejo imaginado. Se for verdade, porquê? Terá criado, tal como forma histórias inventadas sobre homens, uma sobre si própria? Decidiu que nunca vai encontrar o amor? Está a tentar descobrir provas empíricas para fortalecer esta teoria, a fim de poder continuar a saber que não merece o amor?

Provavelmente perde-se nas miragens românticas. Isso não faz mal. É delicioso ser sonhador. Mas tem de encontrar uma forma de não se torturar com esses arroubos de fantasia, de não os usar como prova de que não merece estar com alguém que também a ame. Sempre que fica obcecada com esses rapazes de fantasia, apaixona-se pela imaginação. Isso não tem nada que ver com ligação ou amor. Nem com mais ninguém, a não ser consigo.

Fica claro que tem muito amor para dar, e um dia vai encontrar alguém que mereça recebê-lo. Ele será real, e vai estar aí e poder amá-lo. Irá conhecer o mapa das suas sardas. Terá sempre os seus cereais favoritos no armário. Todas as canções de Lionel Richie farão sentido. Esse amor desvairado, lascivo, obsessivo, lindo e gentil terá um destino. Por isso não passe demasiado tempo na sua cabeça. Pode não dar por ele.

Querida Dolly: Receio gostar mais de cães do que de homens

Temo não conseguir estabelecer relações profundas, bem-sucedidas, com homens. Fui casada durante quinze anos com um homem gentil e doce, que conheci quando era jovem e ingénua. Pensei que estava apaixonada, e tivemos muitos anos felizes a criar os filhos, rodeados dos nossos cães. Mas havia um vazio na relação e uma solidão dentro de mim: sempre senti que os meus cães me compreendiam melhor do que ele.

Desde então tive dois relacionamentos. O primeiro foi com um homem que se mostrava maravilhoso. Tinha um cão idoso encantador, que se dava bem com os meus dois cães. Durante dois anos, tudo correu bem. Depois, o seu cão morreu. Quase instantaneamente, ele passou a irritar-me. Sem o cão, não havia atração. Ele já não queria passear os cães, e parecíamos não ter nada em comum.

A segunda relação durou dezoito meses. Apaixonei-me muito por ele e julguei que estávamos bem juntos. Ele tem dois cães. Ansiava vê-lo outra vez, depois do longo período do confinamento, mas reconheço que, ao chegar a sua casa, o nó na minha garganta aconteceu, não quando o vi, mas quando os seus cães correram na minha direção. O amor deles é tão honesto e direto, comparado com as complicações dele.

Poderá um homem dar-me alguma vez a sensação de amor e compreensão incondicionais que sinto com os cães? Ter-me-ei apaixonado sempre pelos cães, e não pelos homens? Deveria assegurar-me de que a próxima relação seja com um homem que não tenha cão?

Há muito a abordar aqui.

Não creio que deva temer não ser capaz de estabelecer relações com homens. Descreveu três relações, uma que durou quinze anos, durante a qual criaram filhos juntos. A sua preocupação é não conseguir estabelecer relações profundas com os homens — uma profundidade que alcança facilmente no que respeita a cães. Mas julgo que o que ambiciona é simplicidade, mais do que profundidade.

Veja, eu adoro cães. Se há um cão numa festa, vou ter com ele. Já caí de joelhos em Regent Park quando vi um *golden retriever* particularmente saltitão, como se estivesse a conhecer o papa. Passo muito tempo no *website* do Battersea Dogs & Cats Home. Percebo. Mas desconfio ligeiramente dos que dizem que preferem a companhia de um cão à de uma pessoa. O amor de um cão é incondicional, como diz, mas não é o tipo de amor incondicional que pode ocorrer entre pessoas. Os nossos animais de estimação são-nos dedicados porque cuidamos deles; porque lhes somos mais familiares do que qualquer outra figura no seu mundo. E nós amamo-los porque é um esquema descomplicado; ritualizado com gestos físicos, em vez de conversa. Essencialmente, eles não nos respondem.

Pergunto-me se é isso que deseja quando procura o romance. Alguém que responda a ordens, que lhe dê afeto dia e noite, que não a faça olhar para dentro ou a responsabilize pelas suas ações. Percebo a atração, mas vai ser uma dinâmica difícil de encontrar fora dos jogos S&M. Imagino, fazendo contas simples, que seja de meia-idade e, a menos que procure um rapaz-brinquedo, encontrar subserviência silenciosa e constante num homem hétero com mais de cinquenta anos apresentar-se-á ainda mais difícil.

Talvez não queira um companheiro de todo. Conheço bastantes mulheres que estiveram em relações longas enquanto criavam uma família, separaram-se quando os filhos estavam crescidos, e assim que se viram sozinhas, qualquer inclinação romântica desapareceu. Foi como se, após anos infindos a procurar o amor, a encontrar o amor, a manter esse amor, depois de um amor novo a irromper delas quando tiveram filhos, já não tivessem mais amor. Se for o seu caso, não se

preocupe. Deve gozar uma nova fase da vida, em que não tem de cuidar de ninguém quando abre a porta da sua casa, além de si e dos cães.

Se quer uma relação, seja honesta consigo sobre que traços de personalidade são importantes. Parece-me que tende a avaliar mal a sua compatibilidade com os homens, porque se distrai com o que vou referir como Coisas de Cães. É fácil sobrestimar o significado de uma pessoa adorar animais como prova de pureza moral. Só porque alguém gosta de animais, não significa que estenda essa simpatia ao semelhante. Olhem para Morrissey. Ele seria inteiramente adorável para os seus cães. Mas não quero que saia com ele.

Quando conhece alguém, independentemente de ser ou não dono de um cão, no início, assegure-se de que passam a maior parte do tempo a conhecer-se, longe das Coisas de Cães. Vai ajudá-la a ter alguma clareza sobre quem ele é de facto. Além deste exemplo específico, creio que podemos ficar todos demasiado arrebatados pelos interesses partilhados como fator decisivo para uma relação resultar. Paixões e *hobbies* podem dar-lhe uma linguagem e horários partilhados, mas não estou certa de que constituam uma base sólida para o amor. O seu parceiro precisa de a fazer rir e de a excitar. De achar as suas ideias e conversa interessantes. De se divertir na sua companhia quando estão só os dois.

Mas estaria interessada em saber o que o seu cão pensa de tudo isto.